

ÉTICA, GÊNERO E SEXUALIDADES: uma proposta baseada na pesquisa- intervenção em espaços educativos

Leonardo Lemos de Souza¹

Anderson Carlos da Silva Souza²

Luana Santos Duarte³

Taila Maiara Greco⁴

Resumo: O objetivo deste trabalho foi investigar os sistemas de representação que jovens e educadores constroem sobre a diversidade de gênero e sexual em espaços educativos. Utilizamos como referenciais teóricos a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento e os Paradigmas de Complexidade para a investigação dos sistemas de representação elaborados pelos participantes. A partir de uma proposta de pesquisa-intervenção desenvolvemos atividades problematizadoras sobre o tema gênero e sexualidade que fomentassem a construção de relações éticas e democráticas entre jovens e entre educadores. Os participantes da pesquisa foram professores e alunos de uma escola pública e de uma universidade que participaram de oficinas e entrevistas individuais que ocorreram no espaço escolar; e debates públicos sobre o tema destinado a toda comunidade. Como resultados preliminares das atividades desenvolvidas que os professores expressam dificuldade em lidar com a diferença no âmbito escolar, produzindo práticas e discursos que reforçam a heteronormatividade e o sexismo na escola. Para eles o tema ainda é difícil e polêmico quando se trata na relação com a comunidade/família. Os alunos não aceitam a diferença e a excluem, relatando diversas situações de violência e discriminação.

Palavras-chave: diversidade; gênero e sexualidade; ética.

¹ Doutor em Educação, docente da Universidade Federal de Mato Grosso/ Programa de Pós-Graduação em Educação – Campus de Rondonópolis

² Bolsista VIC e discente do Curso de Psicologia – Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Rondonópolis

³ Bolsista PIBIC e discente do Curso de Psicologia – Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Rondonópolis

⁴ Bolsista PIBIC e discente do Curso de Psicologia – Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Rondonópolis



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

Introdução

Um dos debates atuais sobre a educação brasileira traz a temática da diversidade sexual e de gênero na pauta da formação de professores e na produção de relações democráticas na escola e na universidade. Os recentes dados apresentados pela Fundação Perseu Abramo e Fundação Rosa Luxemburg em pesquisa colaborativa sobre homofobia e diversidade sexual no Brasil (2009) indicam ainda um alto índice de intolerância à população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros). Em outra pesquisa a UNESCO retrata a violência e o preconceito na escola (CASTRO, ABRAMOVAY, e SILVA, 2004) entre jovens, apontando para uma realidade de discriminação e violência acerca da diversidade sexual e de gênero nas relações entre alunos e entre professores e alunos.

Tais considerações nos levaram a empreender um trabalho na interface entre a Psicologia e Educação poderia contribuir para conhecer e transformar essa realidade possibilitando: 1) o conhecimento sobre a rede de relações e práticas educativas e sociais atravessadas pelos gêneros e as sexualidades no espaço educativo escolar; 2) fomentar espaço de problematização sobre a diversidade de gênero e sexual nos contextos educativos para jovens. A escola e a universidade, por serem campos de experiências com as diversidades afetivas, cognitivas, morais, culturais e sociais dos(as) alunos(as) e professores(as) é um espaço privilegiado para a construção da ética na relação com os outros e consigo mesmo (ARAÚJO, 2002).

Quando a diversidade no espaço escolar é vista como algo negativo, a homogeneidade é defendida pelos dirigentes da educação, ao considerá-la condição para ensinar de modo mais eficiente. Quando também é defendida pelos alunos, a partir do lugar das “tribos”, deste expurga-se o estranho e o outro referente à diversidade. A diversidade



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

aqui é entendida como parte da complexidade das características humanas e sociais e não deve ser entendida como deficiência ou algo a ser eliminado, deixando à mostra apenas o coletivo/normativo (LEMOS-DE-SOUZA & GALINDO, 2008).

Diante dessas considerações, a presente pesquisa fundamentada na proposta de pesquisa-intervenção tem sua formação em dois eixos: a) enquanto extensão: propõe a construção de espaços articuladores do debate sobre o cotidiano e as diversidade sexuais e de gêneros nas instituições educativas para jovens e adolescentes, redimensionando os propósitos da educação escolar e universitária. Desse modo, serão propostos espaços coletivos (grupos) de escuta e de negociação de significados produzidos pelos jovens, adolescentes e dirigentes educacionais (professores, coordenadores etc.); b) enquanto pesquisa: produzir conhecimentos sobre as representações de jovens de instituições educativas sobre a diversidade e as diferenças de gênero e sexual em suas narrativas sobre si/identidade, os outros/alteridade e o mundo; contribuir para a produção de pesquisas na perspectiva do construtivismo sociocultural no campo de estudos da moralidade humana.

Construindo cenas e espaços para a problematização da diversidade em espaços educativos

O presente projeto insere-se na área da interface entre Psicologia e Educação, com o foco nos Direitos Humanos. Tem como tema a juventude e a diversidade de gênero e sexual dado que pesquisas recentes demonstram a necessidade de ações sobre esses grupos sociais em que as instituições educativas são o lugar privilegiado de implementação de políticas públicas (UNESCO, 2004; Programa Brasil sem Homofobia, 2004). Ao mesmo tempo, abre frentes de investigação no campo de estudos da psicologia da moralidade a partir da perspectiva construtivista e da ética comunicativa dialógica (HABERMAS, 1989) na construção de valores éticos

Os movimentos feministas, de gays, lésbicas e transgêneros têm alertado para a importância das escolas e universidades como espaço de reprodução de estereótipos e preconceitos ligados ao gênero e às sexualidades (LOURO, 2001 e 2004). Nesse sentido, o governo federal tem produzido ações de incentivo, políticas e programas (Programa Brasil sem Homofobia e Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos e, recentemente o Programa Escola sem Homofobia) para a garantia de direitos da população LGBT e para a formação educacional baseada em valores éticos e de respeito com a diversidade. Nessa



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

linha de ação as escolas e as universidades são indicadas como lugares estratégicos para a intervenção preocupada com o rompimento de mitos e crenças sobre as sexualidades produtores de ações discriminatórias e geradores de violência física, psicológica e moral em razão da identidade e orientação sexual de alunos, alunas, professores e professoras. Entretanto sabe-se que a escola brasileira tem dado pouca atenção ao tema sexualidade e do gênero (ABRAMOVAY, CASTRO e SILVA, 2004; ALTMANN, 2001).

Não só enquanto conteúdo mas também enquanto parte de seu cotidiano. A escola tem tratado esse tema como de ordem do mundo privado, das relações familiares e sociais próximas dos alunos e alunas, portanto, longe de seu alcance e de suas preocupações. A sexualidade é parte da vida das pessoas e está presente no cotidiano da escola. O sofrimento de jovens e adolescentes, professores e professoras, produzido pela exclusão no ambiente escolar e universitário, é objeto de trabalho de políticas públicas onde as práticas psicológicas podem se articular e contribuir para sua efetivação. Notadamente, na articulação e fundamentação de práticas educativas que problematizem a inclusão/exclusão. Em levantamento bibliográfico realizado por nós em bancos de teses e dissertações e em periódicos científicos sobre educação e psicologia sobre o tema diversidade sexual e gênero em contextos educativos (Dedalus-USP, Unicamp, Athenas-Unesp, Periódicos Capes, Scielo), são escassos os trabalhos que dão visibilidade à diversidade sexual e de gênero na escola, concentrando-se mais na desigualdade em relação às relações homem-mulher, no cotidiano das práticas educacionais e no currículo (VIANNA e DINIZ, 2008). Sobre o tema que investigamos, podemos destacar os trabalhos de Ferrari (2000), Caetano (2005) e Oliveira (2007).

Todos retratam o predomínio do da heteronormatividade nas práticas de escolarização. O produto dessa escolarização é a invisibilidade dos homossexuais no cotidiano e a produção de formas de violência naturalizadas nas relações interpessoais. As investigações acerca das práticas de bullying que atualmente ganham cena na investigação da violência nas escolas.

O Bullying, refere-se a uma prática de vexação, zombaria, ridicularização entre pares de crianças e jovens que tem reflexos sobre a autoimagem e autoconceito de quem é foco de tais ações (FANTE, 2005). Vítima de dessa violência, um aluno de uma escola dos Estados Unidos da América cometeu suicídio por ter sofrido os abusos de seus colegas em razão de sua orientação sexual. No Brasil, em notícia veiculada recentemente pela Revista Época (ARANHA, 2009) indica que a escola não sabe lidar com os alunos gays, o



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

argumento é de que a escola não ocupa o lugar de mediadora na relação entre pares, visando a construção de valores éticos e de relações democráticas. Considerando esse quadro, nossa proposta é, além de investigar as narrativas produzidas sobre o tema diversidade sexual e de gênero nos espaços educativos, pretendemos identificar os valores (morais ou não morais) que atravessam e constituem tais narrativas.

Aportes teóricos no construtivismo: representações, crenças e valores sobre a diversidade

No modelo epistemológico de base dessa investigação, o conhecimento de si e do outro/mundo é uma interpretação cujo caráter é dialógico e intersubjetivo (BRUNER, 2006; MORIN, 2000; MORENO et. al., 1999; SASTRE & MORENO, 2010). O recurso metodológico de oficinas sobre a diversidade sexual e gênero se propõem como um espaço de produtor de discursos a respeito da diversidade na relação eu e outro/mundo que nos oferece um caminho de investigação em que é possível destacar os valores e crenças em suas dimensões pessoal e coletiva. Nesse caso, parte-se do modelo organizador como um sistema organizado de representações sobre conteúdos considerados significativos pelo sujeito. Estão envolvidos na produção dos modelos organizadores aspectos afetivos, cognitivos e sociais/culturais que dão forma ao modo como o sujeito interpreta o mundo e a si mesmo.

Assim, um modelo organizador é engendrado nas experiências do sujeito com o mundo, nas mediações e trocas culturais e sociais. O sistema de representações do sujeito podem ser organizada em torno de valores vinculados à excelência moral (dignidade, respeito, solidariedade, justiça) ou não, como aqueles os valores da glória e hedonistas (visibilidade/fama, sucesso social) (LA TAILLE, 2008).

Partimos do princípio de que a escola é um lugar de problematização da diversidade no sentido de promotora de práticas educativas voltadas para a construção de valores éticos, de relações democráticas e de respeito às diferenças. No espaço dialógico que produzimos nos contextos educativos, a problematização pretendeu ser um dispositivo de inventividade para a construção da alteridade/identidade em relação à sexualidade e aos papéis de gênero. Nesse processo, sua imbricação com valores éticos e democráticos são fomentados a partir da clarificação e reflexão sobre as práticas sociais e científicas que produzem preconceitos e estereótipos referentes a sexualidade e ao gênero (PUIG, 2008; HABERMAS, 1989).



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

Assim, temos como principal objetivo desse trabalho: investigar os sistemas de representações construídos por jovens e educadores sobre a diversidade de gênero e sexuais, e os valores (morais ou não) que atravessam suas relações no cotidiano das instituições educativas (ensino médio e educação superior). Como objetivos específicos, elegemos:

- Produzir informações sobre as subjetividades juvenis em Mato Grosso em relação ao tema gênero e sexualidade;
- Produzir espaços de problematização e de negociação de significados sobre a diversidade sexual e de gênero em contextos educativos para jovens, fomentando a educação como lugar de construção de valores éticos e de respeito às diferenças;
- Reduzir o sofrimento, a vulnerabilidade e risco decorrente do preconceito, discriminação frente às sexualidades e às diferenças de gênero;

A pesquisa-intervenção

O trabalho se insere no modelo de trabalho de pesquisa-intervenção. Segundo Castro (2008) dentre as possibilidades de investigação com crianças e jovens, podemos destacar aquelas que: a) naturalizam a desigualdade na pesquisa; b) problematizam essa desigualdade. A pesquisa-intervenção deve ter com base as concepções que temos desses sujeitos. Desse modo, a posição de desigualdade deve ser o objeto constante do pesquisador na qual a reflexividade de ordem ética e política que tem implicações nos métodos de investigação e nos resultados. Podemos trazer o exemplo de Gilligan (1993) na sua crítica feminista da moralidade ao imbuir de reflexividade a posição androcêntrica na pesquisa de Kohlberg (1992). A autora desenvolve uma crítica a universalidade da linguagem e do universo simbólico nas investigações possibilitando a emergência de subjetividades invisíveis. A perspectiva da pesquisa-intervenção entende o pesquisador e o pesquisado como sujeitos no bojo das práticas de significação; não há clareza do que se vai acontecer; não há controle do processo/observador/grupo controle. A diferença básica da pesquisa intervenção para a pesquisa é a de que “todo o dispositivo de pesquisa transforma o que se deseja pesquisar, ou seja, nenhuma pesquisa deixa de ser também uma intervenção” (CASTRO, 2008, p. 29). O propósito da pesquisa intervenção é se inserir onde os sujeitos da pesquisa vivem e transitam, isto é, como se apropriam dos conteúdos e questões locais.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

O dispositivo oficina sobre diversidade de gênero e sexual foi proposto para a produção de um espaço dialógico, no qual os discursos circulem e seja objeto de negociação de significados e sentidos sobre as diferenças de gênero e sexuais. Foram realizados registros escritos sobre as oficinas e depois discutidos coletivamente com o grupo de pesquisa envolvido (alunos e alunas da graduação do Curso de Psicologia). Para a realização das oficinas elegemos os seguintes eixos temáticos de discussão sobre as diversidades de gênero e sexuais nos contextos educativos: diferenças sexuais e de gênero – população LGBT; violência de gênero e sexual; direitos humanos. Foram dois encontros em cada tema com os grupos das instituições educativas (escolas e universidades públicas). Em cada encontro temático foram utilizados recursos disparadores como filmes, textos, histórias reais e fictícias sobre os temas, nos quais buscamos registrar experiências vividas e/ou relatadas pelos jovens, que poderão ser convidados, num outro momento, a darem depoimentos em forma de registro de imagem e/ou voz.

Os grupos das oficinas tiveram três tipos de composições: a) grupos de jovens e adolescentes de ambos os sexos (10 grupos com 10 participantes); b) grupos de professores/educadores (5 grupos com 10 participantes); c) grupos com jovens, adolescentes e educadores (5 grupos com 10 participantes jovens e 5 educadores). Vale ressaltar que nos encontros, entre jovens e educadores, todos participaram dos grupos a) e b). A proposta é estabelecer linhas de circulação e debate dos significados de educandos e educadores sobre o tema diversidade sexual e de gênero. As oficinas atenderam um total de 100 jovens e adolescentes e 50 professores.

Paralelamente a essas atividades, foram realizados debates públicos, abertos à comunidade, no ambiente universitário, dirigidos por docentes especialistas em cada um dos eixos temáticos, nos quais o diálogo entre a sociedade civil, escolas e a universidades seja possível. Esta atividade também permitiu o intercâmbio de experiências entre pesquisadores de quatro instituições públicas universitárias de três diferentes estados do Brasil. Foram estimados a participação de, no total, aproximadamente de 300 pessoas da comunidade escolar, universitária de fora dela.

Após o registro e transcrição das informações coletadas em todos os espaços de problematização produzidos (oficinas e; debates públicos) a análise das informações buscou:

- Identificar os modelos organizadores construídos por educandos e educadores sobre a diversidade sexual e de gênero no cotidiano das instituições educativas;

- Identificar os valores (morais ou não) nos modelos organizadores de educadores e educandos sobre o tema diversidade sexual e de gênero;

- Identificar propostas de educadores e educandos, para a mudança da realidade de invisibilidade e exclusão vivida por jovens e adolescentes gays, lésbicas e travestis/transsexuais/transgêneros na escola e na universidade.

Considerações preliminares

Podemos destacar que um elemento organizador das representações sobre diversidade sexual e gênero entre os jovens destaca o estranhamento e a dificuldade de entendimento. Nas relações em sala de aula, os alunos relatam terem colegas com orientação sexual que escapa à heteronormatividade, e isso parece ser aceito. No entanto, estão presentes as ações de *bullying* entre os pares, além de chacotas e outras formas de exclusão (restrições quanto às relações intragrupais; atividades escolares etc.).

Alguns jovens que são declaradamente homossexuais foram entrevistados e relatam a busca para serem aceitos e os conflitos vivenciados, principalmente fora da escola, com as famílias. De alguma maneira, a discriminação no interior da escola parece ser algo visto como comum e aceito, parte da convivência com os outros.

Outros dados foram obtidos com os professores nas oficinas desenvolvidas. Sua participação foi efetiva no primeiro momento em que muitos demonstraram curiosidade e motivação para discutir os temas sugeridos. No decorrer das oficinas, as manifestações se concentraram em algumas pessoas dos grupos. Todos eles professores da área de biologia, que geralmente estão envolvidos com o tema da sexualidade reprodutiva em suas aulas. Tais professores produziram narrativas sobre a diversidade ainda marcada pelas explicações da biológica, se aventurando a considerar as questões das diferenças enquanto direito humano. No entanto, na origem dessas diferenças, a explicação é voltada para a genética e a hereditariedade. Os demais professores, de outras áreas de conhecimento, principalmente das ciências humanas, revelam ter pouca familiaridade com o tema, pois diversas vezes manifestaram dúvidas e estereótipos em relação à homossexualidade e à travestilidade. A diferença que marca as sexualidades e gêneros são colocados à margem, pois a eles são atribuídas uma história familiar e escolar com problemas afetivos e relacionais, que explicam seus desejos e identidades. Assim, o discurso da “cura” está presente implicitamente, pois é revelado causas para os comportamentos manifestos cuja

sexualidade é oposta ao esperado numa sociedade patriarcal e heteronormativa. Questionados diante de situações de preconceito e discriminação enfrentados por jovens, os professores revelam a indignação diante do problema do outro. No entanto as estratégias sugeridas como formas de se educar diante do problema, demonstram mais ações de verbalização e esclarecimento dos fatos do que na direção de ações reflexivas e problematizadoras das pessoas envolvidas.

O debate entre alunos e professores foi profícuo, no sentido de que posicionamentos (ideológicos, sociais e pedagógicos) foram questionados sobre o tema por ambas as partes. Os diálogos viabilizaram a mudança de posição e de papéis que oportunizaram conflitos entre os significados produzidos pelos participantes, na direção de mudança dos modelos que organizam suas formas de interpretar o mundo e a si mesmos.

Nos debates públicos, pudemos levantar os sistemas de representação dos professores e demais participantes sobre o tema. Foi um espaço de trocas entre docentes de diversas instituições de ensino, do ensino superior ao ensino básico, estudantes de graduação e pós-graduação de universidades públicas e particulares, estudantes de escolas públicas. Em suas representações, fica claro a falta de informações e o grande interesse de professores da rede de educação básica de mais esclarecimentos sobre o tema. Muitos mitos e crenças acerca da educação sexual foram debatidos, bem como o cenário das novas configurações familiares que demandam novas ações por parte da escola. O cenário das atividades nesse espaço demonstrou ser um efetivo meio de comunicação e de produção de formação de educadores para/com a comunidade. A comunidade acadêmica também foi beneficiada pela oportunidade de receber convidados/pesquisadores que desenvolvem trabalhos de referência no contexto brasileiro.

Referências

- HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001.
- ARANHA, A. Escolas ainda não sabem lidar com os alunos gays. *Revista Época*. São Paulo: Globo, 24/04/2009.
- ARAÚJO, U. F. *A construção de escolas democráticas*. São Paulo: Moderna, 2002.

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRASIL. *Brasil sem Homofobia*. Ministério da Saúde. Programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual. Brasília, DF, 2004.
- BRUNER, J. *Actos de significado*. Alianza editorial: Madrid, 2006.
- CAETANO, M. *O gesto do silêncio para esconder as diferenças*. Universidade Federal Fluminense, Dissertação de Mestrado em Educação, Niterói, 2005.
- CASTRO, L. R. *Conhecer, transformar(-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens*. In: CASTRO, L. R. e BESSET, V. L. Pesquisa-intervenção na infância e juventude. Rio de Janeiro: Faperj/NAU Editora, 2008, p. 21-42.
- CASTRO, M. G., ABRAMOVAY, M. e SILVA, L. B. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: Unesco, 2004.
- FANTE, C. *Fenômeno Bullying*. Verus Editora: Campinas-SP, 2005.
- FERRARI, A. *O professor frente ao homoerotismo masculino no contexto escolar*. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora-MG, Dissertação de Mestrado em Educação, 2000.
- FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO & FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURG STIFITUNG. *Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil*, Intolerância e respeito às diferenças sexuais nos espaços público e privado. Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2009.
- GILLIGAN, C. *Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à vida adulta*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- KOHLBERG, L. *Psicologia Del desarrollo moral*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1992.
- LA TAILLE, Y. *Moralidade e ética: aspectos cognitivos e afetivos*, Porto Alegre: Art Med, 2008.
- LEMOZ-DE-SOUZA, L. & GALINDO, D. C. G. Ética e diversidade na formação de educadores. ALBUQUERQUE, S. *Formação de Professores e práticas em discussão*, Edufmt: Cuiabá, 2008, p. 203-219.
- LOURO, G. L. (org.) *Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MARTINS, L. & BRANCO, A. U. Desenvolvimento moral: algumas considerações teóricas a partir de uma abordagem sociocultural construtivista. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, Mai-Ago, 2001, v. 17, n. 2, PP. 169-176.
- MORENO, M. et. al. *Conhecimento e mudança: modelos organizadores na construção do conhecimento*. São Paulo: Moderna, 1999.



MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

OLIVEIRA, M. R. Educação e sexualidade: espaço escolar, juventude e homossexualidade. In: MORGADO, M. A.; SANCHES, M. U. e OLIVEIRA, M. R. *Realidades juvenis em Mato Grosso: escola, socialização e trabalho*. Cuiabá: Fapemat/Edufmat, 2007, p 209-228.

PUIG, J. M. *Práticas morais: uma abordagem sociocultural da educação moral*. São Paulo: Moderna, 2008

UNESCO. *Políticas públicas de/para/com juventudes*. Brasília: Unesco, 2004.

SASTRE, G. & MORENO, M. *Cómo construimos universos: amor, cooperación y conflicto*. Barcelona: Gedisa, 2010.

VIANNA, C. e DINIZ, D. (orgs.) Dossiê - *Em foco: a homofobia nos livros didáticos, um desafio ao silêncio*. Psicologia Política, Belo Horizonte: UFMG, 2008.